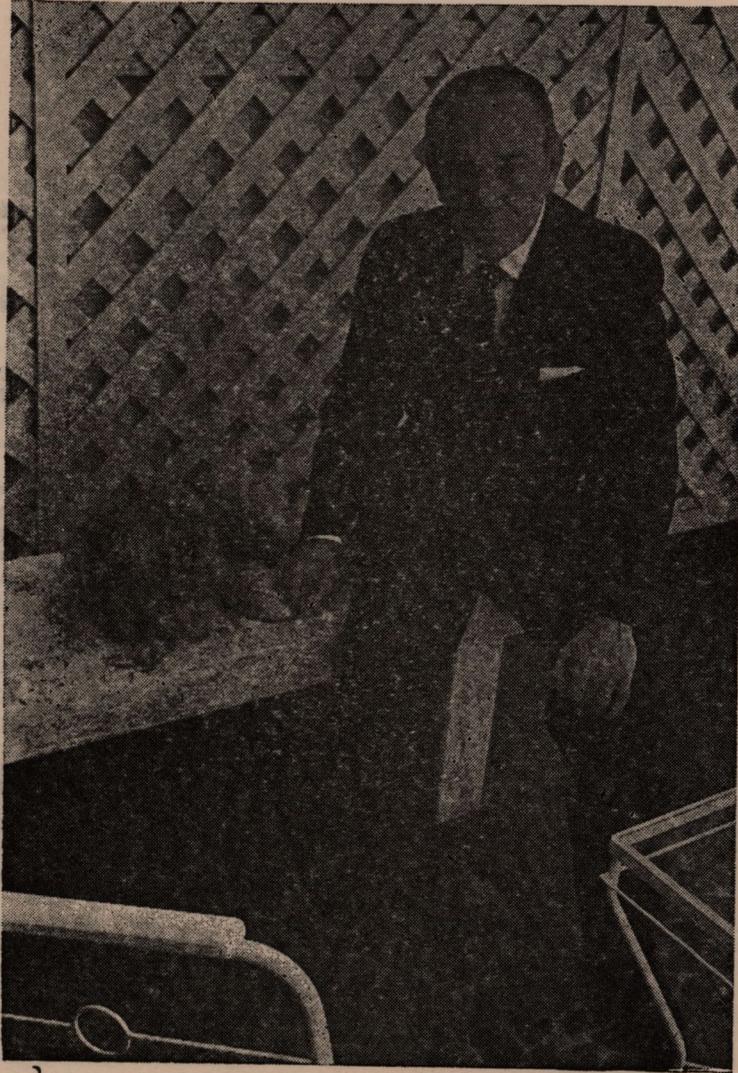


CMP 1.2.2.71

# Guilherme de Almeida em Campinas



CASA DE



GVILHERME DE ALMEIDA

# CAMPINAS, PRINCESA DO OESTE

## ALTEZA:

**A** ordem excelsa com a qual houve por bem vossa munificência trazer-me por instantes para ao pé do vosso sólio, é prêmio que excede qualquer galardão que pudesse a minha prosápia almejar. Ora, no íntimo, inquirir-me dos motivos de tal feminino, lisonjeiro capricho, resvalou inevitavelmente meu pensamento pela escorregadia rampa das similitudes. Os títulos. O principado. O vosso e o meu. O vosso, uma imposição da História. O meu...

Permiti-me, Alteza, uma leve, talvez leviana mas oportuna evocação. Quando, no dia 22 de outubro de 1959, na Academia Brasileira de Letras, recebia eu o ideológico laurel, foi com as seguintes palavras que iniciei a minha "Mensagem": — "O príncipe não é o principal. O principal é haver, entre as muitas terras do utilitário mundo de hoje, uma terra útil que ainda sonha".

Ora, essa "terra útil que ainda sonha" porque acredita nos poetas, essa terra, neste instante, é esta nossa, bem nossa, sempre nossa, só nossa, cada vez mais nossa Campinas. E é no simplório desejo de me sentir à altura de Vossa Alteza, que vos rogo, Senhora, a graça de relembrarmos, juntos, o que eram, como eram, no meu tempo, estes doces chãos em que folgamos, infantes. Esse "meu tempo": o Ano da Graça de 1902, vindo eu do Rio Claro para cursar o primeiro ano no Ginásio já famoso. Essa Campinas: a familiaridade. Estou dando a esta palavra um ultra-sentido que os dicionários ignoram: o de um respeitoso, embora íntimo, coletivo e bom sentir-se "em casa". Minha casa: casa da Dindinha, Rua Barão de Jaguará, 86. Ali, em frente, a de Moça Franco. Aqui, ao lado, à esquerda, a de Nhanhan Lapa... (Ah! minha "Ballade des dames du temps jadis"!); Campainhando, campainhando, vem vindo o bonde "Aquidaban": três bancos só e dois burrinhos de olhos meigos. Vou eu a pé, rumo ao Ginásio, meu pegalivros de cadarso, o porta-lanche a tira-colo. Na esquina de cá é o Rink: seu circo e sua pantomima aquática. Na de lá, adiante, é a Casa Genoud: livros, cadernos escolares, lápis-de-cor, estojo com compasso, régua e tiralinhas. Agora é o Largo do Rosário: seus jogos de água sob alecrins. Além, o Christofani: absinto para meu tio Eurídio, "anisette" com sifão para mim. Já na Praça, na esquina, o "Livro Azul", onde vi a primeira fita de cinema: "L'arroseur arrosé", dos Irmãos Lumière. Ao fundo, a Matriz velha: minha primeira comunhão no dia de meus anos: no braço, fita branca de cetim franjada de ouro, a bênção do Padre Ribas, o retrato no fotógrafo Nieckelsen; almoço festivo, em casa, fios-de-ovos e papos-de-anjo de Dona Lucinda, a doceira... O Ginásio: fala-se em Coelho Netto que eu não via nunca, e numa tal "Pastoral", que eu não sabia o que era. Mas foi minha a primeira bola e minha a primeira chuteira do primeiro futebol que em Campinas se jogou. Passou 1902. Agora, já meus pais estão em São Paulo: e eu lá, no Ginásio São Bento, 3.º ano. Súbito, um desmaio, no recreio: dois meses entre a vida e a morte. E, miraculoso convalescente de duas febres letais, sou levado por Dom Nery, o grande prelado campineiro e amigo da família, para o Colégio São José, de Pouso Alegre, Minas, seu novo bispo. E foi aí que, uma noite...

...na sala calada e triste de Estudo, sob a pálida luz do acetileno, a mão sobre o caderno aberto na carteira, o lápis entre os dedos, senti que estes, tamborilando, de leve, contavam: — contavam qualquer coisa como um pulso, um novo pulso, que não era das artérias, e que espantosamente acontecia. Mas, por quê? Para quê?... Era uma imensa coisa como o Verbo. Onipotente coisa como o Flut. Encantadora coisa como o Ritmo. E eu, pasmo: — O que será?... Sôa bem... É bonito... Mais do que a palavra, mais do que a música, mais do que o pensamento... Uma coisa de milagre... E assim,

como de mim há de partir uma alma,  
de mim partiu o meu primeiro verso.

Campinas, amorosa amada minha:  
De vós trazendo a luz do meu primeiro dia,  
o amor dos meus e o amor aos meus,  
eu deixei de ser "eu" para ser "NÓS".  
E foi-me sendo a vida  
uma DANÇA DAS HORAS que fugiam  
e o respigar num farto MESSIDOR,  
com meus momentos de meditação  
relendo o LIVRO DE HORAS  
DE SÓROR DOLOROSA que é a saudade.  
Saudade, sim, da infância, das histórias,  
do ERA UMA VEZ um príncipe de sonho,  
ou um pastor da Grécia lamentando  
A FRAUTA QUE EU PERDI junto a uma fonte  
na qual se enamorara de si mesmo  
Narciso, A FLOR QUE FOI UM HOMEM.  
Eis que dêsse erudito ENCANTAMENTO  
bruscamente me volto à realidade  
do mundo que era o MEU, da RAÇA que era a minha  
e da simplicidade e amor com que escrevi  
minha última CARTA À MINHA NOIVA,  
e resolvi tratar a vida por VOCÊ  
e desafiar o ACASO ao lhe confiar  
CARTAS DO MEU AMOR;  
e sem variar  
o meu destino de POESIA VÁRIA  
que, se olhou para trás, mulher de Loth,  
fez-se o ANJO DE SAL, ou dormitou  
no seio de ACALANTO DE BARTIRA.  
Agora, a marcha-a-ré no Tempo: as renascidas  
língua e poesia balbuciando falas  
de um antigo e PEQUENO ROMANCEIRO.  
Mas, bruscamente, uma descida à RUA,  
à realidade de hoje, nua e crua,  
que nem vê perpassar pelo passeio  
alguém que leva na lapela,  
sobre o seu coração, uma flôr simples:  
mais que rosa, um amor, mais que amor, uma rosa:  
ROSAMORI!

Alteza Sereníssima:

Porque de vós provindo e, pois, benvindo é tudo quanto hei sentido, pensado e dito por todo um meio-século de versos mais diversos, glória bastante para mim é o a vosso lado sentir-me, como agora estou, vosso, bem vosso, todo vosso "par droit de conquête et de naissance".

Guilherme de Almeida  
Campinas, 19 de Dezembro de 1968.

## HOMENAGEM DO GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO AO POVO DE CAMPINAS

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO  
GOVERNADOR: PAULO SALIM MALUF  
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA  
SECRETÁRIO: ANTONIO HENRIQUE DA CUNHA BUENO  
CASA DE GUILHERME DE ALMEIDA  
DIRETOR: OTÁVIO MAMEDE JÚNIOR

CASA DE GUILHERME DE ALMEIDA - RUA MACAPÁ, 187 - SUMARÉ  
TELS.: 263-0621 e 263-1883 - 01251 - SÃO PAULO - SP.

MENSAGEM AOS POETAS DE UM MUNDO SÓ  
QUE PROFERIU NA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS O  
PRÍNCIPE DOS POETAS BRASILEIROS

AO RECEBER O TÍTULO EM 22-X-MCMLIX

*O príncipe não é o principal.*

*O principal é a crença na Poesia.*

*O principal é haver, entre as muitas terras do utilitário mundo de hoje, uma terra útil que ainda sonha.*

*Uma terra útil que ainda sonha... Útil, quando viceja pelas lavras, escorre pelo latex, acena pelos cernes, caminha pelos rebanhos, transpira pelas minas, chispa pelas forjas, fuma pelas chaminés, estronda pelas catadupas, zune pelas turbinas, sangra pelas sondas, geme pelas estacas, trepa pelos andaimes, desliza pelos trilhos, foge pelas rodovias, desfila pelos postes, maromba pelos fios, escapa pelas antenas, zarpa pelos cais, voa pelas pontes-aéreas...*

*Uma terra útil que ainda sonha... Sonha, quando acha útil a Poesia. E, nesta prodigiosa Fé — pois que não existe mística sem um símbolo — elege um poeta. Qualquer um: não importa. Ele deixa de ser o que é para ser o que imaginam. Torna-se, pois, imagem. A pessoa apaga-se no mito. E este é todo e unicamente passiva acatitação. Por isso, presente à assembléia dos seus crentes, a sua palavra gratulatória só pode ser esta: "Amém!"*

*Mas na essência de tal imperativo "Assim seja!" — porque, sendo homem quem o profere, igual, portanto, aos que o transfiguraram, também ele sempre acreditou na Poesia — necessariamente jaz consubstanciada uma implícita mensagem de poeta a poetas. Perquirida, decomposta e revelada, eis que diria ela talvez, bem simplesmente:*

*"Que todos os poetas do mundo se dêem as mãos formando uma ronda que rode e se enrole no mundo e enlace num aro inconsútil o globo terrestre!  
Não um paralelo marcante de climas contrários,  
nem um meridiano que invente distâncias opostas:  
mas um equador ignorante de trópicos, zonas,  
solstício, equinócio, zodíaco e pontos cardiais;  
um equitativo, magnético e neutro equador  
que torne insensíveis, inertes e inúteis as bússolas.  
Apenas um aro que seja um abraço na terra:  
abraço amoroso que a estreite, que nunca a divida  
em dois hemisférios com seus continentes de arbitrio,  
fronteiras, países, estados, cidades e bairros,  
e raças e idiomas e usanças e credos e leis...*

*Que todos os poetas do mundo se dêem as mãos formando uma ronda que rode e se enrole no mundo: rodeio em que o branco e o amarelo, em que o negro e o vermelho,*

*que vieram de lavras ou gelos, de areias ou selvas,  
e o voo cromático e solto das suas bandetas,  
e os vivos matizes dos seus baralhados costumes,  
girando, virando, volteando se possam fundir,  
tal como se fundem os gomos de cores de um pião,  
no grande incolor que equipara fazendo o equilíbrio  
com sua serena aparência de imobilidade...*

*Uma única força no mundo é capaz de salvá-lo,  
pois não desintegra, mas une, porque ela é do espírito:  
e o espírito é um só como Deus. Ela é a força centrípeta  
do Sonho, do Ritmo, do Verbo, do Ideal, da Beleza.  
É ela a Poesia. Por isso, em verdade vos digo  
e clamo e reclamo do fundo da minha humildade:  
— Que todos os poetas do mundo se dêem as mãos!  
Que todos os poetas do mundo se digam irmãos!"*

GUILHERME DE ALMEIDA